**LITERATURA, RELIGIÃO E CAOS:**

**Tolkien e a propagação de ideias religiosas**

***Felipe Henrique Cadó Salustino***[[1]](#footnote-1)

**Grupo de Trabalho (GT): Estética e Ensino Religioso: perspectivas e práticas da arte e sua diversidade**

**Resumo**

A pesquisa explora a interseção entre literatura e religião, com foco na obra *O Silmarillion* de J.R.R. Tolkien, para ilustrar como ideias religiosas permeiam a cultura de massa. O objetivo é preencher lacunas na pesquisa acadêmica sobre a conexão entre literatura e religião, destacando que muitas análises carecem de rigor científico e podem ser influenciadas por vieses religiosos. A abordagem metodológica inclui uma análise crítica das estruturas cosmológicas e do caos na obra de Tolkien, comparando-as com mitos religiosos e cosmologias de diversas culturas. Fundamentado na teoria de Norman Cohn (2006) e em pesquisas como a de Diego Klatau (2015), o trabalho conclui que *O Silmarillion* reflete um modelo de dualidade entre cosmos e caos, semelhante a sistemas mitológicos de diferentes religiões, e demonstra como esses elementos são integrados na literatura popular, reforçando a importância da literatura na compreensão e disseminação de conceitos religiosos.

**Palavras-chave:** Literatura; Religião; Caos; Cosmos; Silmarillion.

**1 Introdução**

As ideias religiosas não estão presas ao âmbito apenas da religião, mas elas se ramificam e se propagam em várias expressões do cotidiano e isso é perceptível ao analisarmos, por exemplo, a cultura de massa. Logo, é nessa cultura que conseguimos encontrar elementos religiosos fora dos templos, terreiros, sinagogas e igrejas, pois esses elementos além de pertencerem a uma comunidade, também pertencem aos indivíduos que compõem esses espaços.

Um bom exemplo de cultura de massa, ou seja, de um conjunto de ideias, perspectivas, imagens, entre outros elementos, que são adotados por um consenso informal e que transforma visões de mundo, é a literatura. Ela é um arcabouço muito sólido para o ocidente quando se trata de formulação e propagação de ideias e conceitos. Por isso que se faz tão necessário estudos aprofundados e acadêmicos tendo em vista o impacto da literatura nas sociedades.

Como defende Paulo Augusto de Souza Nogueira, em seu artigo *Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo,* as intricadas relações de linguagem e religião têm sido objeto de pesquisa e estudo na área das Ciências das Religiões há muito tempo. (NOGUEIRA, 2016, p. 241). Porém, ainda há uma necessidade de que esse campo ganhe força e tenha independência assim como os demais e para isso é necessário que haja cada vez mais trabalhos focados nessas questões que relaciona a linguagem literária com os objetos religiosos.

Por isso, propomos esse trabalho, pois existem vários tipos de abordagens e perspectivas sobre as obras de J. R. R. Tolkien, contudo, algumas faltam serem conduzidas com um maior rigor científico que a comunidade acadêmica defende. Chegando até o ponto de pesquisas apresentarem um certo grau de proselitismo que enfraquece o próprio estudo. Isso acontece muito quando vemos a tentativa de estudar Tolkien apenas pelo prisma do cristianismo ou dando mais enfoque a essa religião, por exemplo, parecendo que os pesquisadores escolheram o caminho mais fácil ou quiseram apenas enaltecer seus vieses religiosos.

Nessa perspectiva, temos o trabalho de duplo movimento de pesquisa: 1) fazer um estudo que mostre as fragilidades de produções acadêmicas sobre esse objeto e apresentar algo que amplifique as pesquisas que tentam a conexão entre literatura e religião; 2) mostrar que é possível no campo da Ciências das Religiões trabalhar com literatura popular e o elemento religioso contido nela, produzindo um endorso mais forte nessa área de concentração.

Para tal pesquisa, escolhemos a obra de Tolkien que melhor se encaixa na temática de literatura e religião: o Silmarillion. Pois, entendemos que as obras literárias funcionam como receptores de elementos religiosos e também são propagadoras dos mesmos elementos. A obra de Tolkien não foge à regra e é um importante mecanismo literário para entendermos como se configura a ideia de caos nas religiões e na obra de fantasia.[[2]](#footnote-2) Pois, nessas obras literárias o discurso contém aspectos mitológicos, permitindo a reminiscência dos mitos de criação. Com isso, defendemos que Tolkien segue a ideia de se aproximar de uma mitologia própria, porém empregando aspectos de outras que já se constituíram anteriormente.

**2 Fundamentação teórica**

Verificamos em um primeiro movimento que o mundo fantástico de Tolkien, na obra supracitada, segue um esquema lógico de estruturação discursiva de cosmos e caos. Esta estrutura está muito presente em diversas sociedades que existiram e existem pelo mundo. Desta forma, entendemos que os mitos, em diferentes civilizações, se apresentam de forma que a natureza cria a estrutura necessária para que o cosmo seja sempre ameaçado pelo caos. Essa ideia é defendida por Norman Cohn (2006), em *Caos*, *Cosmos e o Mundo que virá – As origens das crenças no Apocalipse*, em que o autor traz representações da cosmologia de certas culturas, egípcia e mesopotâmica, por exemplo, em que o cerne são as lutas contra o caos que está inerente nestas sociedades.

A partir dessa estruturação entendemos como a cosmologia de Tolkien foi criada e como ela se aproxima do politeísmo. Para essa informação, nos baseamos no artigo de Diego Klatau, intitulado de *A natureza e o sagrado em Tolkien*, pois o autor afirma que o poema intitulado “A queda de Godolin”, que foi o primeiro e precedeu toda a história do Silmarillion, servindo de ponto inicial para esta obra, reunia elementos da mitologia nórdica, da antiguidade clássica e de relatos cristãos bíblicos medievais. (Klatau, 2015, p. 37).

Logo, toda a criação de universo possuí uma estruturação bem formulada, seja ela a partir de um criacionismo politeísta ou monoteísta, e para isso precisamos entender o próximo estágio dessa configuração. Depois que o cosmo é criado, vem o caos para interferir (de forma benéfica ou maléfica) com o mundo a ser produzido, pois, nos centros das produções religiosas – ou de cunho religioso – existem a estrutura de que o caos está sempre ameaçando o cosmos. Transmitindo isso para o mundo fictício de Tolkien, vemos que a criação da Eä[[3]](#footnote-3) sempre está ameaçada por forças sombrias que querem sucumbir o mundo existente e assim reinar em um novo mundo que o favorecerão. Em um primeiro momento esse caos foi representado por Melkor, que depois receberia o nome de Morgoth, e logo após sua derrocada é substituído por seu tenente Sauron.

Todavia, antes de falarmos sobre o elemento *caos*, é importante ressaltarmos a aproximação discursiva de Tolkien com a ideia de dualidade, principalmente encontrada no Cristianismo. Essa aproximação que propomos não busca fazer alegorias ou referencias tópicas desnecessárias, como pede o próprio autor, no prefácio de um dos seus livros mais famosos: O senhor dos Anéis. Essa aproximação busca apenas perceber como determinadas questões se assemelham e podemos aplicá-las em sua obra, em um movimento de liberdade do leitor/pesquisador, e não por causa da dominação proposital de um autor, como comumente ocorre com as alegorias.[[4]](#footnote-4)

Permeada por embates entre os Ainur[[5]](#footnote-5), a fantasia de Tolkien mostra o conflito com uma estrutura dual que compõe a formação de Arda (mundo físico dentro da Eä, local em que as histórias da Terra Média acontecem). Essa questão da dualidade fica exposta quando o narrador nos apresenta o antagonista da história, Melkor, sendo este o mais poderoso e mais sábio dos Ainur.

Enquanto o autor tenta mostrar algo mais luminoso e mais vívido ao apresentar todos os outros Valar (Ainur), Melkor começa a se mostrar muito orgulhoso e desejoso de domínio da terra e das criações, dirigindo-se assim para a escuridão. Ele se torna o primeiro Senhor do Escuro, título este que representa bem o dualismo existente na obra. O narrador apresenta-o como aquele que deseja corromper e destruir tudo o que surgisse de novo e belo, deixando claro que Melkor é o provedor do caos, um perfeito antagonista para Eru (ou Ilúviatar, como ele também é chamado pelos personagens élficos da história), personagem importante para a cosmologia de Tolkien.

Eru é apresentado como o criador supremo, desempenhando papel fundamental na formação e desenvolvimento do mundo em que as histórias épicas são contadas, porém, importante ressaltar, muitos o apontam com caracteres de um Deus da tradição monoteísta e estamos aqui para trazer uma nova visão/discussão sobre isso. Pois, apesar de Eru produzir o universo, ele não irá produzir os elementos deste universo sozinho, será constituído toda a formação da Eä conjuntamente com os Ainur, os sagrados. Com isso, podemos definir que Eru não tem tamanha caracterização como tem os deuses monoteístas.

**3 Metodologia**

Aplicamos a estruturação de cosmos, caos e o mundo pós-criação na obra de Tolkien, e verificamos que ela se encaixa perfeitamente nessa modulação, pois a principal ideia do autor era criar um escrito que explicasse a origem do universo fantástico que ele denominou como Eä, ou seja, um mundo criado por Eru, Ilúvatar, em que seria a morado dos primogénitos (elfos e humanos, pelo menos à princípio).

Vejamos, na primeira parte do Silmarillion, mais especificamente no Ainulindalë, Tolkien descreve que os Ainur foram gerados por Eru a partir de seu pensamento antes que tudo o mais fosse criado. Todavia, Eru propõe a eles que criem, em harmonia, uma Música Magnífica e assim eles fazem, o alegrando profundamente, deixando-os aptos a formarem tudo o que Ilúvatar pensou por meio das músicas criadas. Desta forma, fica claro que os Ainur desempenharam um papel crucial na formação e desenvolvimento da Eä, ou seja, a participação desses sagrados é tão ou mais importante do que o seu supremo criador, aproximando assim muito mais de um certo politeísmo antigo do que de um monoteísmo cristão, como alguns defendem.

O Deus criador de uma das maiores religiões do mundo atual não precisa que outra criatura faça o trabalho da criação, ele, sozinho, desempenha esse papel, sem a necessidade de terceiros. Importante ressaltar que tudo foi criado a partir do pensamento de Eru, porém a formação prática das coisas ficou a cargo dos Ainur, que nas cartas de Tolkien que tem a organização de Humpherey Carpenter (1981), deixa claro de se tratar de divindades, ou melhor dizendo, outros deuses – isso corrobora com a ideia de politeísmo.

Aplicando as estruturas propostas por Norman Cohn, constatamos que o Silmarillion apresenta diversas aproximações discursivas com outras tantas culturas que representaram suas crenças a partir do discurso. Isso acontece, porque Eru funciona como aquele que através da música produz o cosmo, por meio da harmonia dos instrumentos e da afinação entre os participantes, enquanto que Melkor é o provedor do caos, ou seja, aquele que desarmoniza, pois a dissonância deste cresce em tumulto e desafiana aquele. Melkor é o grande causador do que então Tolkien chama de guerra sonora, que levará muitos dos Ainur a ficarem consternados e não cantarem mais, deixando assim o mais forte e sábio deles dominar.

Todavia, no desenvolver do livro é perceptível que o caos sempre estará presente em diferentes formas. Logo, para que o mundo seja ameaçado, a ordenança do cosmos tem que permanecer ameaçada por um antagonismo, seja na forma de Melkor contra os valar, seja na forma de Sauron contra os primogênitos. Está estabelecido que o mundo segue esta construção em que um mantêm-se a partir da existência do outro, sendo o *a posteriori* um desejo de melhora para o universo que virá.

**4 Resultados e Discussão**

Para várias coisas existirem nesse mundo mitológico discursivo, precisam passar pela instabilidade do não-harmônico e aqui se justifica um ser tão poderoso como Ilúvatar ter sua obra ameaçada por aquilo que ele mesmo criou. Logo, o caos explica a criação feita por esses seres superiores e o motivo para se configurar com as imperfeições existentes. Em outras palavras, serve para mostrar que a imperfeição não é uma falha do ser soberano, mas sim fruto do contexto da criação ligada ao grande fator de mudança: o caos.

Esse caos apresentado por Tolkien na sua obra cosmogônica é todo o cerne dos primeiros livros/capítulos apresentado no Silmarillion, será a partir desse ponto inicial, dessa dualidade e desse embate que o livro e a história da Terra Média se desenvolvem até a finalização com o Senhor dos Anéis, obra de maior sucesso de crítica e reprodução no mundo todo.

**5 Considerações Finais**

Vimos com essa análise que Tolkien se utiliza de elementos estruturantes das religiões que ele teve conhecimento e a partir daí criou sua obra apresentando os aspectos de formulação de um cosmo, de um caos e como esse mundo irá ser representado. Vide, o livro de maior sucesso do escritor, tudo nele culmina para que seja finalizado de forma que o caos seja banido, que nesse caso tem seus primórdios em Melkor e acaba perpassando e culmina, quando analisamos toda a história da Terra Média, nas obras de Sauron, o mais terrível e o mais poderoso dos servos de Morgoth.

Com isso, quisemos mostrar que a partir da literatura (inclusive de fantasia) é possível traçar um estudo para demonstrar como as ideias religiosas são perpassadas em nossa sociedade. Desta forma, os elementos religiosos são vividos cotidianamente e para isso não há necessidade de ser representados apenas em espaços religiosos. Logo, podemos concluir que os mitos, que são partes integrantes da vida de todos os sujeitos – fazendo parte de uma religião ou não –, estão inerentes nas produções de cultura de massa. O mito até pode surgir nos diferentes âmbitos religiosos, mas ele se espalha por diversos meios nas sociedades.

**Referências**

CARPENTER. Humphrey (Org.). *As cartas de Tolkien***.** Tradução: Gabriel Oliva Brum. S.l.: Toca da coruja. 1981.

COHN, Norman. *Caos, Cosmos e o Mundo que virá*: As origens das crenças no Apocalipse. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUTIERRÉZ, Jorge Luiz. LITERATURA E RELIGIÃO: o conceito de caos no mundo antigo. *Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo. V. 14, n. 2, p.45-63, jul./dez. 2016.

KLATAU, Diego. A NATUREZA E O SAGRADO. *Numem: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 18, n.1, p. 36-51, 2015.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Religião e linguagem: proposta de articulação de um campo complexo. *Horizonte,* Belo Horizonte, v. 14, n. 42, p. 240-261, abr/jun. 2016.

TOLKIEN, J. R. R. *O senhor dos anéis:* A Sociedade do Anel**.** Tradução: Lenita Maria Rimoli Esteves, Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TOLKIEN, J. R. R. *O Silmarillion*. Tradução: Waldéa Barcellos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

1. Mestre em História pela UFRN. Doutorando em Ciências das Religiões pela UFPB. Professor da Educação Básica do Município de Pilõezinhos/PB. Contato: [felipe\_kdo@yahoo.com.br](mailto:felipe_kdo@yahoo.com.br) [↑](#footnote-ref-1)
2. Como define Jorge Luiz Gutiérrez: “o conceito de caos é quase tão antigo quanto a literatura. Os primeiros textos escritos, entre 2500 e 4000 anos atrás, falavam de caos. Esse conceito era pensado mitológica e cosmogoniamente, com o propósito de imaginar como tinha sido a origem do mundo.”. (GUTIÉRREZ, 2016. p. 46). Logo, a ideia central de Tolkien é empregar esse conceito em sua obra para manter a estrutura de explicação do surgimento do mundo. [↑](#footnote-ref-2)
3. No cosmo escrito por Tolkien, Eä é o Mundo, o Universo, criado por Eru. [↑](#footnote-ref-3)
4. Sobre isto, Tolkien defende o seguinte: “Outros arranjos poderiam ser criados de acordo com os gostos ou as visões daqueles que gostam de alegorias ou referências tópicas. Mas eu cordialmente desgostos de alegorias em todas as suas manifestações, e sempre foi assim desde que me tornei adulto e perspicaz o suficiente para detectar sua presença. Gosto muito mais de histórias, verdadeiras ou inventadas, com sua aplicabilidade variada ao pensamento e à experiência dos leitores. Acho que muitos confundem ‘aplicabilidade’ com ‘alegoria’; mas a primeira reside na liberdade do leitor, e a segunda na dominação proposital do autor. (TOLKIEN, 2000, p. XIII) [↑](#footnote-ref-4)
5. Os Ainur foram a primeira criação de Eru, como define o próprio Tolkien nas suas cartas: espíritos ou mentes racionais sem encarnação, criados antes do mundo fictício. (CARPENTER, 1981, p. 472). [↑](#footnote-ref-5)